



CONGRESSO INTERNACIONAL HISTORIOGRAFIA DAS CIDADES

INTERNATIONAL CONGRESS HISTORIOGRAPHY OF THE CITIES

LISBOA / FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

//AUDITÓRIO 2

20 – 21 SETEMBRO 2023

LISBON / CALOUSTE GULBENKIAN FOUNDATION

//AUDITÓRIO 2

20 – 21 SETEMBRO 2023

historiography-cities.weebly.com



COM O APOIO DE



INDICE INDEX

HISTÓRIA E MITO NA ORIGEM DAS CIDADES

HISTORY AND MYTH IN THE ORIGIN OF THE CITIES

MODERADOR | CHAIR:

MARGARIDA TAVARES DA CONCEIÇÃO (IHA – NOVA FCSH)

EXALTAR AS CIDADES ATRAVÉS DOS SEUS SANTOS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS NO PORTUGAL MODERNO

PAULA ALMEIDA (CITCEM/UP)

4

ESTUDIO COMPARADO DE LAS ANTIGÜEDADES Y LOS MITOS FUNDACIONALES EN LA HISTORIOGRAFÍA DE BARCELONA Y SEVILLA EN EL SIGLO XVII: RAFAEL CERVERA Y RODRIGO CARO

QUIM SOLIAS (STATE UNIVERSITY OF NEW YORK AT STONY BROOK)

5

FOUNTAINS TO THE FOUNDERS: PUBLIC MONUMENTS, CIVIC HISTORIOGRAPHY, AND FOUNDATIONAL MYTHS IN 16TH-CENTURY SICILY

FERNANDO LOFFREDO (STATE UNIVERSITY OF NEW YORK AT STONY BROOK)

6

BRASÍLIA, VELHOS MITOS SOB O DISCURSO DA MODERNIDADE

SÁVIO GUIMARÃES (CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA)

7

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

NUNO SENOS (IHA – NOVA FCSH)

«MEMÓRIAS (...) QUE SE TIVESSE CAMINHO PARA SE IMPRIMIR E FAZER À SUA PÁTRIA ESSE BENEFÍCIO».

O MESTRE-ESCOLA ANDRÉ FERREIRA E O ELOGIO DO MEMORIALISTA E HISTORIADOR LOCAL (SÉCULOS XVI, XVII E XVIII)

RUI MESQUITA MENDES (ARTIS – FLUL)

9

OS CRONISTAS DA CIDADE DE VISEU NO SÉCULO XVII: POESIA E PROSA.

LILIANA CASTILHO (CITCEM/UP)

10

A HISTÓRIA COMO BASE PARA A REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS – O CASO DE BEJA

MARTA PÁSCOA (FUNDAÇÃO CASA DE BRAGANÇA)

11

MAPAS ESCRITOS: TRAÇAR UMA GEOGRAFIA URBANA DE LISBOA A PARTIR DOS TEXTOS DOS SEUS VISITANTES ESTRANGEIROS (INÍCIO DO SÉC. XVIII – INÍCIO DO SÉC. XX)

JOÃO PAULO AMADO (IHC – NOVA FCSH)

12

DEALING WITH HERITAGE: RE-USE AND QUOTATION IN ARCHITECTURE

HUGO MARTIN (ECOLE NATIONALE SUPÉRIEURE DE CRÉATION INDUSTRIELLE)

13

BEST PRACTICE FOR A VISUAL URBAN HISTORIOGRAPHY

CATHERINE TOULOUSE E DOMINIK LENGYEL
(UNIVERSITY OF TECHNOLOGY COTTBUS-SENFTENBERG)

14

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

PAULO SIMÕES RODRIGUES (CHAIA - UE)

- JÚLIO DE CASTILHO, OLISIPÓGRAFO E FLÂNEUR DA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO** **17**
MÁRIO NASCIMENTO (EGEAC/MUSEU DE LISBOA)
- GOMES DE BRITO (1843-1923) – FIGURA MULTIFACETADA NA HISTÓRIA DE LISBOA** **18**
MARGARIDA ELIAS (IHA – NOVA FCSH)
- NORBERTO DE ARAÚJO E O ESTUDO DOS PAÇOS E PALÁCIOS DE LISBOA** **19**
ANA CELESTE GLÓRIA (IEM – NOVA FCSH)
- A IMPORTÂNCIA DA COLEÇÃO CASTILHO PARA A OLISIPOGRAFIA** **20**
EUNICE RELVAS (GEO/CML | HTC – NOVA FCSH | CEF – UC)
- VERBETES DE A. VIEIRA DA SILVA. UM ARQUIVO SOBRE ICONOGRAFIA DE LISBOA NA COLEÇÃO DO GEO** **21**
ELISABETE GAMA (GEO/CML) E ANA CRISTINA LEITE (GEO/CML)
- A CIDADE POR TEMA: CRONISTAS E HISTORIADORES, PINTORES E ARQUITETOS. AINDA A VISTA DE LISBOA DA ANBA** **23**
LAURA MARTINS GUIA E MARIA HELENA BARREIROS (CML)

PENSAR A CIDADE

THINKING THE CITY

MODERADOR | CHAIR:

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA (IHA – NOVA FCSH)

- A OLISIPOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA: SILÊNCIOS E NARRATIVAS DE UMA CIDADE IMAGINADA** **25**
FREDERIC VIDAL (CIDEHUS.UAL) E GRAÇA ÍNDIAS CORDEIRO (CIES, ISCTE-IUL)
- A OLISIPOGRAFIA E O ESTEREÓTIPO DE PALÁCIO URBANO “SEISCENTISTA”** **27**
ANA RITA GONÇALVES (CITUA, IST-UL) E JOÃO VIEIRA CALDAS (CITUA, IST-UL)
- ACERCA DE UM PROGRAMA DE ESTUDOS DA PRÉ-HISTÓRIA DE LISBOA** **29**
CARLOS DIDELET (CAL_CML | IAP - NOVA FCSH) E NUNO PIRES (CAL_CML)
- TRATANDO DE ARQUITETURA: FORTALEZA DE JOSÉ** **30**
MAXIMINO BARRETO FROTA JÚNIOR (CEAU – FAUP)
- DESENHAR A TRANSFORMAÇÃO URBANA: PORTALEGRE** **31**
JOÃO LUÍS MARQUES (CEAU - FAUP) E SÍLVIA RAMOS (CEAU - FAUP)
- CIDADE CRÍTICA: A TRANSFORMAÇÃO URBANA DA ZONA RIBEIRINHA ORIENTAL DE LISBOA ENQUANTO DOCUMENTO HISTÓRICO FUTURO.** **33**
ANA NEVADO (DINÂMIA'CET - IUL ISCTE)

HISTÓRIA E MITO NA ORIGEM DAS CIDADES

HISTORY AND MYTH IN THE ORIGIN OF THE CITIES

MODERADOR | CHAIR:

MARGARIDA TAVARES DA CONCEIÇÃO (IHA – NOVA FCSH)

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

NUNO SENOS (IHA – NOVA FCSH)

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

PAULO SIMÕES RODRIGUES (CHAIA - UE)

PENSAR A CIDADE

THINKING THE CITY

MODERADOR | CHAIR:

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA (IHA – NOVA FCSH)

EXALTAR AS CIDADES ATRAVÉS DOS SEUS SANTOS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS NO PORTUGAL MODERNO

Paula Almeida (CITCEM/UP)

Ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, em Portugal, a produção historiográfica conheceu uma significativa fortuna. No veio constituído por obras polarizadas em torno da historiografia local, verifica-se que, com maior ou menor ênfase, os seus autores investiam na exaltação dos «santos nacionais», colocados «ao serviço» da sacralização e do enobrecimento do território português e, em alguns casos, de algumas regiões ou cidades. Articulando a dimensão relacionada com a história, mito e lenda na origem das cidades, valoriza-se, em boa medida, a figura dos santos, enquanto personagens que constituem uma espécie de tesouro, que contribui, não raras vezes, para o despoletar de rivalidades várias.

Tendo como pano de fundo esta problemática, esta proposta de comunicação procura chamar a atenção para a produção de várias obras que se inscrevem no filão da historiografia local — desde histórias e descrições geográficas até poemas — que deverão ser compreendidas em uma lógica de investimento na preservação da memória, através do registo escrito, e da exaltação dos «santos nacionais», que permitiria a Portugal ombrear com os outros reinos católicos europeus que se vangloriavam de possuírem mais santos nos altares. Partindo da análise de obras como a *História da Antiguidade da Cidade de Évora* de André de Resende, a *Primeira Parte das Antiguidades da Muy Nobre cidade de Lisboa, Imporio do mundo, e princeza do mar oceano* de António Coelho Gasco, o *Liuro das antiguidades da cidade de Beja e de outras particulares depende[n]tes dellas* de Vasco Freire e a *Descrição Topografica, e histórica da cidade do Porto* do Padre Agostinho Rebelo da Costa, realçar-se-á a *varietas* que estes textos declinam, visando o *prodesse ac delectare*, e em que moldes contribuem para construção da histórica local ou regional.

NOTA BIOGRÁFICA

Paula Almeida Mendes é Doutora em Línguas e Literaturas Românicas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013), com uma tese sobre a escrita e edição de «Vidas» de santos e de «Vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII). Atualmente é investigadora contratada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, desenvolvendo a sua investigação no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM-UP). Tem centrado os seus estudos na área da história e da literatura de espiritualidade, nomeadamente da hagiografia e da biografia devota, e da história do livro e da leitura. É investigadora principal do projeto «Letras no Claustro: Bibliotecas Monásticas a Norte de Portugal da Idade Média ao século XIX», financiado pela FCT (EXPL/LLT-OUT/0720/2021).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Pe. Agostinho Rebelo da — *Descrição Topografica, e histórica da cidade do Porto*. Porto: na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1788.
- FREIRE, Vasco — *Liuro das antiguidades de Beja* [ms.].
- FROS, Henri — *Culte des saints et sentiment national. Quelques aspects du problème*, *Analecta Bollandiana*, t. 100 – *Mélanges offerts à Baudoin de Gaiffier et François Halkin*. Bruxelles (1982), pp. 729-735.
- GASCO, António Coelho — *Primeira Parte das Antiguidades da muy noble cidade de Lisboa, emporio do mundo, e princeza do mar oceano*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924 (Inéditos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; 11).
- RESENDE, André de — *História da Antiguidade da Cidade de Évora*. In *Obras Portuguesas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1963, pp. 1-69.

MODERADOR | CHAIR:
MARGARIDA TAVARES DA CONCEIÇÃO (IHA – NOVA FCSH)

**ESTUDIO COMPARADO DE LAS ANTIGÜEDADES
Y LOS MITOS FUNDACIONALES EN LA
HISTORIOGRAFÍA DE BARCELONA Y SEVILLA
EN EL SIGLO XVII: RAFAEL CERVERA
Y RODRIGO CARO**

Quim Solias (State University of New York at Stony Brook)

Esta comunicación indaga en las descripciones de antigüedades y los mitos fundacionales presentes en dos crónicas de ciudades ibéricas absolutamente contemporáneas: *los Discursos históricos de la insigne ciudad de Barcelona* de Rafael Cervera (1633) y en las *Antigüedades y principado de la ilustrísima ciudad de Sevilla* de Rodrigo Caro (1634).

Estas dos obras historiográficas — que a priori deberían tener muchas desemejanzas, pues el recorrido de los textos, las propias ciudades y las trayectorias vitales de los autores son muy distintos — muestran interesantes aspectos a la vez antitéticos y convergentes que serán objeto de comparación de esta ponencia, y que denotan la manera en la que en el primer cuarto del siglo XVII se quería construir una sólida historiografía urbana en dos centros principales de la Península Ibérica.

Las *Antigüedades* de Rodrigo Caro es un volumen de 440 páginas impreso en Sevilla en 1634. Dividido en tres libros, trata de la historia antigua de la ciudad centrándose en su fundación, los inicios de su religión, las instituciones, organización, urbanismo, e hijos ilustres. Los *Discursos históricos* de Rafael Cervera es una obra manuscrita de 2000 páginas terminada en 1633. Se compone de cinco libros que tratan sobre la fundación de la ciudad, las evidencias arqueológicas, las instituciones que residen en ella, los edificios laicos y religiosos y sus habitantes.

Ambos autores muestran diferentes teorías sobre mitos fundacionales. Caro basa sus argumentaciones en las tesis de los cronistas y las fuentes arqueológicas disponibles, para finalmente dar su opinión sobre la temática, conjugando la teoría de la fundación de Hércules y los restos romanos. Cervera, en cambio, constituye sus argumentaciones sobre la cronística, la arqueología y también la filología para determinar que la creación de Barcelona se produjo en época del cartaginés Amílcar Barca.

Esta comunicación se propone comparar las dos obras en estas líneas temáticas que son interesantes por las lecturas eruditas que muestran y los usos instrumentales que hacen de estas. Además, en dos ricos contextos historiográficos como los de Barcelona y Sevilla, el análisis comparativo es provechoso por el inventario de teorías y textos que estos dos autores exponen y utilizan.

NOTA BIOGRÁFICA

Doctorando por la Universidad SUNY Stony Brook, es miembro del proyecto iberoamericano “Redes de información y fidelidad: los mediadores territoriales en la construcción global de la Monarquía de España (1500-1700)”. Trabaja sobre crónicas urbanas en el contexto hispánico en la temprana Edad Moderna.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

CACCIOTTI, Beatrice — *Roma e la Spagna in dialogo: interpretare, disegnare, collezionare l'antichità classica nel Rinascimento*. Madrid: CSIC, 2022.

AMELANG, James S. — *Writing Cities: Exploring Early Modern Urban Discourse*. London: Central European University Press, 2018.

CHRISTIAN, Kathleen et DIVITIS, Blanca de, eds. — *Local antiquities, local identities: Art, literature and antiquarianism in Europe, c. 1400-1700*. Manchester: Manchester University Press, 2019.

OLDS, Katrina B., ed. — *Forging the Past: Invented Histories in Counter-Reformation Spain*. Yale: Yale University Press, 2015.

SÁNCHEZ-MARCOS, Fernando — *La historiografía española del Barroco (1580-1684)*. Barcelona, n. e., 2003.

**FOUNTAINS TO THE FOUNDERS: PUBLIC
MONUMENTS, CIVIC HISTORIOGRAPHY, AND
FOUNDATIONAL MYTHS IN 16TH-CENTURY SICILY**

Fernando Loffredo
(State University of New York at Stony Brook)

The building of an aqueduct was a life-changing event for the people of an early modern city. A new drinking water supply was often materialized in monumental fountains in which the political power showed its care towards the citizens and celebrated the glory of the city and its foundational myths. This is the case of Messina and Palermo, two Sicilian cities that in the 16th century commemorated newly built aqueducts through massive fountains in which the mythical founders, respectively Orion and the Genius of Palermo, were publicly glorified. These operations go hand in hand with updated historiographical works written by local humanists. Francesco Maurolico in Messina and Antonio Veneziano in Palermo were commissioned by the civic authorities — the city Senate — to conduct research on the civic foundational myths and to create an iconographical program for the new fountains accordingly. The results of these commissions are both outstanding and unique. Between 1547 and 1553, Giovann'Angelo da Montorsoli carved the majestic Fountain of Orion to celebrate the aqueduct of Camaro and the mythical founder of Messina. The whole project was based on the theories and research by historian, mathematician, and cosmographer Francesco Maurolico. The fountain, with the four river gods of the world, became an undisputable model for Western Mediterranean cities in the early modern period. In 1573, the Senate of Palermo, in order to celebrate an aqueduct that was going to bring fresh water to the heart of the city, decided to buy an already extant fountain in Florence and install it in a newly designed square in front of the Senatorial Palace. Almost all the figures of the fountain were already carved though, but the city needed them to adhere to a local narrative. This is why humanist Antonio Veneziano was appointed to write a poem that was going to give a new meaning to the statues, starting from the Bacchus on the top, which was poetically transformed into the Genius of Palermo, the founder of the city. This paper examines the thriving relationship between the emergence of historiography and the building of public fountains in early modern Messina and Palermo.

NOTA BIOGRÁFICA

Fernando Loffredo is Assistant Professor of early modern Mediterranean and colonial visual culture at SUNY Stony Brook, and Principal Investigator of the Max-Planck Partner Group "Empires, Environments, Objects" in partnership with the Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, and the Kunsthistorisches Institut in Florenz. His primary research interests are transMediterranean artistic relations, sculpture and the urban space, and the dialogues between art, poetry, and historiography in the early modern world, with a particular focus on the Spanish Empire.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

- LA MONICA** Giuseppe — *Pantheon ambiguo: la Fontana Pretoria di Palermo nell'analisi formale e nel commento di Antonio Veneziano e Francesco Baronio Manfredi*. Palermo, 1987.
- LASCHKE-HUBERT**, Birgit — *Fra Giovan Angelo da Montorsoli: ein Florentiner Bildhauer des 16. Jahrhunderts*. Berlin, 1993.
- MILLUNZI**, Gaetano e **GERBINO** Aldo — *Del sole, della luna, dello sguardo: vita di Antonio Veneziano*. Palermo, 1994.
- MOSCHEO**, Rosario — *Mecenatismo e scienza nella Sicilia del '500: i Ventimiglia di Geraci ed il matematico Francesco Maurolico*. Messina, 1990.
- PEDONE**, Salvatore — *La Fontana Pretoria a Palermo*. Palermo, 1986.

BRASÍLIA, VELHOS MITOS SOB O DISCURSO DA MODERNIDADE

Sávio Guimarães (Centro Universitário de Brasília)

O artigo aqui proposto visa tratar da temática da história e mito na origem das cidades, a partir de um olhar sobre expressões culturais erigidas conjuntamente a seu imediato status de monumento e patrimônio históricas e artísticas — expressões fortemente representativas dos grupos sociais que elas representam ou cujo discurso sobre elas engendrado visa representar. Especificamente, o artigo proposto tem como objeto de estudo a capital federal do Brasil, Brasília, que será abordada sob um ponto de vista pertinente para uma análise e reflexão sob a esfera da história e do mito, desde sua fundação e inauguração em 1960 como uma cidade nova — moderna (ou vinculada a uma ideia de moderno) — à sua preservação sob o *status* de patrimônio cultural nas esferas distrital, nacional e mundial já em 1987. Esta abordagem visa enfocar um dos dilemas da cidade modernista na contemporaneidade, gerada entre a preservação de sua espacialidade sob sua condição de patrimônio cultural da humanidade e suas possibilidades de transformação de acordo com as necessidades e valores de quem vive em tal localidade atualmente — dos valores históricos assumidos por tal cidade como polo político-económico e turístico-cultural na atualidade, ao mito fundador dessa cidade, forjado no memorial de sua proposta de projeto de 1957, que faz referências, simultaneamente, à religião e à industrialização como pressupostos legitimadores da então nova capital federal da república brasileira. O procedimento metodológico adotado para tal estudo se pauta em fontes documentais primárias, além de bibliografia a fim, nacional e internacional, e documentação fotográfica produzida pelo autor, que vivencia seu cotidiano nesta cidade e já a tem como objeto de outras investigações voltadas a questões socioculturais. O enfoque da abordagem deste processo de pesquisa aqui proposto se vincula, sobretudo, à Análise Discursiva, que permite uma excelente explicitação das nuances presentes na apropriação desta cidade por diversos campos sob mito fundador e suas premissas “modernas”, ambos carregados de coerências contextuais e contradições — o que faz estes discursos se tornarem, conseqüentemente, passíveis de reflexões e questionamentos vários. Espera-se que as reflexões assim engendradas por tal artigo possam configurar a construção dialógica do conhecimento a ser possibilitada neste Congresso.

NOTA BIOGRÁFICA

Pós-doutorado em Sociologia na Universidade da Coruña (UDC) e em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Planejamento Urbano Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em intercâmbio com a Universidade Nova de Lisboa (UNL). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e graduado em Arquitetura e Urbanismo nesta Universidade. No âmbito do Ensino atua como docente em cursos de graduação/mestrado no Centro Universitário de Brasília. No âmbito da Pesquisa concentra-se em estudos sobre cidade/sociedade, criador do Grupo de Pesquisa situações. No âmbito da Extensão tem experiência como consultor/membro de associações nestas temáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, Charles — *The flowers of evil*. Londres. Penguin, 2019.
- COSTA, Lúcio — *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Brasília: S/E, 1957.
- HABERMAS, Jurgen — *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HOLSTON, James — *A cidade modernista – uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. — *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

HISTÓRIA E MITO NA ORIGEM DAS CIDADES

HISTORY AND MYTH IN THE ORIGIN OF THE CITIES

MODERADOR | CHAIR:

MARGARIDA TAVARES DA CONCEIÇÃO (IHA – NOVA FCSH)

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

NUNO SENOS (IHA – NOVA FCSH)

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

PAULO SIMÕES RODRIGUES (CHAIA - UE)

PENSAR A CIDADE

THINKING THE CITY

MODERADOR | CHAIR:

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA (IHA – NOVA FCSH)

**«MEMÓRIAS (...) QUE SE TIVESSE CAMINHO
PARA SE IMPRIMIR E FAZER À SUA PÁTRIA
ESSE BENEFÍCIO».**

**O MESTRE-ESCOLA ANDRÉ FERREIRA E O
ELOGIO DO MEMORIALISTA E HISTORIADOR
LOCAL (SÉCULOS XVI, XVII E XVIII)**

Rui Mesquita Mendes (ARTIS – FLUL)

André Ferreira (fal. 1633) é um dos vários historiadores ou memorialistas locais portugueses do século XVII e não fora o caso de ter sido biografado por Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* como o autor de umas inéditas *Memórias da Villa de Montemor [o Novo]*, seria ainda hoje uma figura praticamente desconhecida! Mestre Escola da Colegiada da Alcáçova de Santarém, André Ferreira não foi o mais antigo memorialista local português, nem seria um dos mais célebres, pois, a partir do século XVI, outros mais ilustres e humanistas, foram também cultores das lendas, tradições, antiguidades e estudos das principais cidades do Reino, como Évora, Porto e Lisboa, alguns com o propósito mais estatístico ou de roteiro de viagens, outros mais historiográficos, nem todos de imediato impressos, pois algumas destas memórias só vieram a conhecer o prelo nos séculos seguintes.

Tendo como ponto de partida os poucos apontamentos biográficos conhecidos do Mestre-Escola André Ferreira, procuramos analisar o seu exemplo pioneiro e o modo como os homens de letras portugueses do início da Idade Moderna se preocuparam em deixar manuscritas as memórias locais de suas terras e pátrias ou das principais cidades e províncias do reino de Portugal para futura impressão, obras que ainda hoje são essenciais para conhecer as origens e história das instituições, património e urbanismo de muitas cidades portuguesas.

NOTA BIOGRÁFICA

Investigador colaborador do ARTIS – Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (IHA-FLUL), mestrando de História Moderna (FCSH-UNL, 2021), licenciado em História (FL-UL, 2015) e em Engenharia de Produção Industrial (FCT-UNL, 1998). Como investigador independente, tem mais de 15 anos de investigação em arquivos, onde identificou e recolheu um largo acervo de fontes sobre a história e património da cidade de Lisboa e restante região da Grande Estremadura — em particular sobre a sua arquitetura religiosa (igrejas e capelas) e civil (quintas e casas nobres) —, além de diversos contributos inéditos para a história da arte e sociedade portuguesa. Dedicou-se sobretudo ao período Moderno (séculos XVI a XVIII), com especial interesse pelos períodos de transição do Fim da Idade Média (sécs. XV-XVI) e do Fim do Antigo Regime (sécs. XVIII-XIX). Membro e colaborador de associações de estudo e defesa do património e instituições académicas, é autor de várias publicações, comunicações e artigos com temáticas tão diversas como os arquivos notariais e eclesiásticos, sociedade e religião, arte e património.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

MATOZO, Luiz Montêz — *Memórias Históricas Extraídas dos Livros de Notas dos 5 Tabeliães da vila de Santarém para Ilustração da História e Genealogia com escrituras de doações, contratos, compras, vendas, casamentos e instituições de capelas, e morgados, com outras curiosidades* [manuscrito], 1530-1748.

MACHADO Diogo Barbosa — *Bibliotheca Lusitana historica, critica, e cronológica*, Lisboa: na oficina patriarcal de Francisco Luiz Ameno. Tomo IV, 1759.

Monographias e outras obras referentes a varias localidades e monumentos do continente de Portugal, Appenso ao *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, Tomo XI 8 (1906), nºs 6-7-8.

Subsídios para a bibliografia da história local portuguesa, Biblioteca Nacional Portuguesa, 1933.

PÁSCOA, Marta Cristina Relvas — *Fr. Francisco de Oliveira - A escrita da História Regional e Local no século XVIII*. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local, FLUL, 2002.

RODRIGUES Paulo Simões — *Apologia da Cidade Antiga: A formação a identidade de Évora (séc. XVI-XIX)*. Tese de Doutoramento da História da Arte, UNL-FCSH, 2008.

OS CRONISTAS DA CIDADE DE VISEU NO SÉCULO XVII: POESIA E PROSA.

Liliana Castilho (CITCEM/UP)

A primeira metade do século XVII fornece à cidade de Viseu duas obras de grande interesse, quer do ponto de vista literário, quer do ponto de vista historiográfico.

A primeira, *Dialogos Moraes e Politicos. Fundação da Cidade de Viseu, História de seus Bispos e gerações, e nobreza com muitos sucessos que n'ella aconteceram, e outras antiguidades e cousas curiosas*, de Manoel Botelho Ribeiro Pereira, apresenta a data de 1630.

Organizada em forma de diálogo entre duas personagens, “Doutor” e “Lemano”, percorre cronologicamente toda a história da cidade de Viseu e das suas principais personalidades e apresenta uma clara intenção histórica. Esta obra é uma importante fonte para o estudo da cidade de Viseu, principalmente no que concerne às suas arquitetura e estrutura urbana, uma vez que descreve vários elementos destruídos nos séculos seguintes.

A segunda, *Descrição da cidade de Viseu: suas antiguidades e cousas notáveis que contém em si e seu Bispado, composta por um Natural*, de João de Pavia, é datada de 1638. Assume a forma de um poema épico de inspiração patriótica e interesse nacional, género comum no país à época, ainda sob o domínio filipino, mas apresenta a especificidade de se centrar na história da cidade de Viseu e nos seus heróis, embora extrapolando frequentemente a sua importância para o campo nacional.

Os aspetos formais e estéticos do poema tiveram primazia em relação à sua componente histórica e a leitura do mesmo, enquanto fonte, deve ser encarada com cautela, uma vez que as informações históricas apresentadas se encontram dependentes das intenções literárias e enquadramento mental do seu autor.

A relação entre estas duas obras é estabelecida dentro do próprio poema épico, por sucessivas referências feitas pelo narrador ao mesmo e pela citação dos “Diálogos” no seu Canto V.

O cruzamento destas duas obras com os estudos mais recentes sobre a história da cidade de Viseu permitem a valorização das mesmas enquanto fontes, diretas ou indiretas, mas tornam igualmente claros os seus limites, derivados do seu próprio tempo e das intenções da sua escrita.

NOTA BIOGRÁFICA

Professora Adjunta do Departamento de Comunicação e Arte da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu. Investigadora integrada do CITCEM, Universidade do Porto. Doutorada, desde 2013, em História da Arte em Portugal pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Atividade científica nas áreas da História Urbana da Época Moderna; História da Arquitetura da Época Moderna; Património no ensino da História; Estudos Patrimoniais. Publicações, nacionais e internacionais sobre as mesmas temáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO**, Sara — *Descrição da Cidade de Viseu: suas antiguidades e cousas notáveis que contém em si e seu Bispado, composto por um natural – edição e estudo literário*. Viseu: Edição da Câmara Municipal de Viseu, 2000.
- CASTILHO**, Liliana — *Construindo a cidade: Viseu nos séculos XVII e XVIII*. Porto: CITCEM/Edições Afrontamento, 2017.
- CASTILHO**, Liliana Andrade de Matos e — *Geografia do quotidiano: a cidade de Viseu no século XVI*. Viseu: Projecto Património/Arqueohoje, 2009.
- PEREIRA**, Botelho — *Dialogos Moraes e Politicos*. Viseu: 1635. (Manuscrito). Publicado por VALE, A. de Lucena e. Viseu: S.ed. 1955.
- VALE**, A. de Lucena e – *Um século de administração municipal. Separata da Revista Beira Alta*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu, 1955.

A HISTÓRIA COMO BASE PARA A REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS – O CASO DE BEJA

Marta Páscoa (Fundação Casa de Bragança)

Esta comunicação pretende abordar o modo como os historiadores de Beja usaram a História da cidade como forma de reivindicar os direitos que, em seu entender, eram devidos à cidade.

Após a Reconquista Cristã foram restaurados na Península Ibérica os bispados que existiam antes da chegada dos povos do norte de África. Séculos mais tarde, porém, havia algumas dúvidas sobre algumas das cidades que haviam sido sede de Bispado. A antiga colónia romana de *Pax-Iulia* foi um desses casos e, por deficiente conhecimento histórico e arqueológico, criou-se uma dúvida sobre a sua localização, sendo o novo bispado Pacense restaurado em Badajoz e ficando Beja dentro do então bispado de Évora. No século XVI André de Resende publicou uma epístola onde defendia que a antiga colónia romana se localizava em Beja. A partir daqui, nos séculos XVII e XVIII diversos autores de Beja recorreram a este argumento. As suas “histórias”, ao enaltecerem a cidade, estavam também a tentar recuperar sua importância. Uma das reivindicações mais importantes era a restauração do bispado perdido. Isso permitiria recuperar algum equilíbrio face a Évora e dar nova dignidade à cidade. Algumas destas “histórias” estão tão longe da metodologia apropriada que têm que ser vistas, sobretudo, como manifestações políticas. A maior parte nunca chegou a ser publicada, pelo que foi necessário estudá-las através dos manuscritos que se encontram em diversas bibliotecas e arquivos.

O bispado foi finalmente criado em 1770, mas isso não impediu que um outro autor do final do século, Félix Caetano da Silva, viesse ainda colocar a tónica nos mesmos argumentos.

Pretendemos, nesta comunicação, dar informação sobre estes autores, suas obras, características principais e a quem foram dirigidas ou dedicadas, de forma a fundamentar a nossa ideia de que a sua função foi, especialmente, a de reivindicar mais direitos e prerrogativas para a cidade.

NOTA BIOGRÁFICA

Pós-graduação em Ciências Documentais, variante de Arquivo e Mestrado em História Regional e Local, ambas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Durante vários anos desenvolveu trabalhos de investigação histórica e transcrição paleográfica para diversos municípios do sul do país, de onde resultaram diversas publicações. É a Arquivista da Fundação da Casa de Bragança, conjugando o tratamento arquivístico com a investigação histórica. Exerce a sua atividade no Paço Ducal de Vila Viçosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RESENDE, André de, 1498-1573

L. Andr. Resendij Lusitani Epistolae tres carmine : duae ad Lupum Scintillam iurisconsultum peritissimum : una ad Petreium Sanctium poetam. Item Epistola prosa oratione pro colonia Pacensi ad Ioannem Vasaeum virum doctissimum. - Olisipone : in officina Ioannis Blauij Coloniensis, 1561. - [22] f. ; 4º

Arquivo Municipal de Beja, Mateus Dias Marinho — *Notícias da Famosa Cidade de Beja*, Fundo Vários, n.º 7, cx. 2.

ALCÁÇOVA, Gonçalo Xavier de — *Dissertação do senhor Gonçalo Xavier de Alcáçova sobre a questão se a cidade de Beja foi a que antigamente se chamou a Pax Julia dos romanos, ou a cidade de Badajoz, s. l., s.n. [1759]*

Biblioteca da Academia das Ciências, José Gago da Silva, *Noticias das antiguidades da Cidade de Beja e de sua fundação, 1745*, Manuscritos, Série Vermelha, n.º 317.

PÁSCOA, Marta Cristina — *Fr. Francisco de Oliveira - A escrita da História Regional e Local no século XVIII*. Dissertação de mestrado em História Regional e Local. Lisboa: FLUL, 2002, vol. II (policopiado).

MODERADOR | CHAIR:
NUNO SENOS (IHA – NOVA FCSH)

MAPAS ESCRITOS: TRAÇAR UMA GEOGRAFIA URBANA DE LISBOA A PARTIR DOS TEXTOS DOS SEUS VISITANTES ESTRANGEIROS (INÍCIO DO SÉC. XVIII – INÍCIO DO SÉC. XX)

João Paulo Amado (IHC – NOVA FCSH)

Observações factuais, comparações, comentários satíricos e considerações moralizadoras, constituem exemplos do que se pode encontrar nos textos que muitos visitantes estrangeiros escreveram, depois de visitarem Lisboa. Cada um desses textos abre uma janela para um confronto entre realidades, moldado pela personalidade, formação, ofício, intenções, experiência de vida e género de cada visitante. Interesse, circunstâncias e necessidades misturaram-se como justificações básicas para uma visita: porque se quis visitar Lisboa, porque foi um porto de passagem numa viagem mais vasta, ou porque foi necessário estar lá durante um período de tempo mais ou menos longo. Muito embora haja, desde o século XVI, textos escritos por estrangeiros que visitaram Lisboa, só no século XVIII é que surgiu um fator primário de atracção: o Terramoto de 1755. Nas primeiras décadas do século XIX, as invasões francesas propiciaram novos visitantes, tendência que se prolongou durante o período da guerra civil. Até ao final do século XIX e início do século XX as justificações para as visitas variaram — alguma curiosidade sim, mas também motivos de natureza diplomática, política ou religiosa, entre outros. Não estamos, como é óbvio, a falar de olisipógrafos, mas sim de comentadores de uma realidade momentânea, até porque, na sua grande maioria, tiveram uma presença efémera na cidade. Fazendo uma deslocação temporal do conceito, podemos em muitos destes casos falar de uma forma de turismo, antes de esta prática ter sido conceptualizada. Aquilo de que estes escritos falam, a par da sua abrangência temporal, permite-nos caracterizar Lisboa ao longo do tempo, em múltiplas vertentes — no fundo, retratando a cidade de acordo com quadros conceptuais diferentes, remetendo para uma alteridade: como é que os outros olhavam para nós? Como é foram plasmadas sensações na escrita, retratando o que os estrangeiros viram, cheiraram, ouviram e sentiram? E até que ponto se torna possível o exercício de transformar a escrita em mapa, desenhando ruas, colocando nelas edifícios e caracterizando zonas da cidade? Esta comunicação pretende mostrar algumas das respostas possíveis a estas perguntas.

NOTA BIOGRÁFICA

Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e pós-graduado em Ciências Documentais (variante de Arquivo) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestre em Sistemas de Informação pela Escola de Engenharia da Universidade do Minho, com a tese Caracterização de Utilizadores de Web Sites Institucionais – O caso do Tribunal de Contas. Doutorado em História Contemporânea pelo Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a tese *O Saneamento em Lisboa entre 1852 e 1910: Espaço, Tecnologia, Vivência e Poderes*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOYER, Marc** — *Histoire du tourisme de masse*. Paris: PUF, 1999.
- BRUCE, David M.** — Baedeker: the perceived inventor of the formal guide book, a “bible” for travellers in the 19th Century. In **BUTLER, Richard.W.; RUSSEL, Roslyn.** (eds.) – *Giants of Tourism*. Wallingford: CABI, 2010, pp. 93-110.
- CABETE, Susana Margarida Carvalheiro** — *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional*. Paris: Université de la Sorbonne nouvelle - Paris III, 2010 (Tese de Doutoramento em Literatura Comparada).
- PAULINO, Maria Clara** — *Uma torre delicada: Lisboa e arredores em notas de viajantes ca. 1750- 1850*. Porto: Edições Afrontamento, 2013.
- SWEET, Rosemary; VERHOEVEN, Gerrit; GOLDSMITH, Sarah** (eds.) — *Beyond the Grand Tour. Northern Metropolises and Early Modern Travel Behaviour*. Routledge: London/ New York, 2017.

DEALING WITH HERITAGE: RE-USE AND QUOTATION IN ARCHITECTURE

Hugo Martin
(Ecole Nationale Supérieure de Création Industrielle)

In 1447, a young group of Milanese humanists were observing the many ancient re-uses of the Basilica of Sant’Ambrogio, the fruit of a long process of creative destruction that began at the end of the 4th century. In the 19th century, after a long trip to Italy where he kept drawing details of Etruscan tombs and of the Porticus Octaviae for imaginary “fantasies” and “restorations”, Félix Duban built the Ecole des Beaux-Arts in Paris, reusing here and there ruins of old monuments. Under the Second Empire, Baron Haussmann remodelled the city of Paris, destroying popular and working-class districts, and on this void, built new buildings whose mouldings quote ornaments from Greek and Roman Antiquity. Those three examples are particularly relevant to enlighten some varieties in the building of cities but also to introduce two paradigms: the re-use and the architectural quotation. These two concepts induce opposed positions towards history, historiography, heritage and public policies. After this conceptual digression, it is then possible to go back to the field and analyse two strategies in the building of contemporary cities and rehabilitation projects. On the quotation side, we will examine the vocabulary of “innovative” companies which settle in former industrial sites and quote many architectural utopias from the industrial revolution (Fourier’s Phalanstère, the “Famillistère de Guise”) by clearing them out their political power. On the side of reuse, we will look at architects (notably the Zerm collective in Roubaix) who rehabilitate historical monuments (neo-Gothic convent, former Jesuit college, etc.) by reusing the materials and the constructive and domestic knowledge of the ancients users.

NOTA BIOGRÁFICA

Hugo Martin is an art historian (University Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2007-2014). He teaches at the Ecole Nationale Supérieure de Création Industrielle (ENSCI – Les Ateliers) in Paris and works at La Preuve par 7, an architectural association founded in 2018 by Patrick Bouchain which documents experimental architectural projects. He hosted and participated to several round tables about the teaching and the making of architecture nowadays, notably with The Research Chair in Philosophy at the Hospital founded by Cynthia Fleury. For several years, he has been writing texts for architects and magazines, unfolding research on architecture informed by history and psychoanalysis.

BEST PRACTICE FOR A VISUAL URBAN HISTORIOGRAPHY

Catherine Toulouse e Dominik Lengyel
(University of Technology Cottbus-Senftenberg)

The history of a city is always a narrative that depends on how extensive, meaningful and resilient its historical documents and testimonies are. Even tangible heritage by itself does not constitute incontrovertible certainty, but requires interpretation by historians and if applicable, archaeologists. The same applies to testimonies, certificates and other written documents as well as pictorial representations. Their interpretation always requires expert, scientific expertise and interpretation. This changes over time, and there is always a fair amount of uncertainty involved. One must always acknowledge these circumstances, especially when the term myth is applied, which perhaps primarily describes those conclusions from the findings that are particularly uncertain. In this mixture of historical and contemporary interpretations, which are already in verbal form differently and also appropriately uncertain, above all relatively abstract, a translation of these statements into visual form is all the more difficult. Historiography of cities, however, has always been a subject of visual representations, as numerous city views from various centuries show. Their most recent form, city maps, do show a relatively high level of geometric accuracy, but the interpretation in the translation of the actual shape into the coded elements of common city maps, street maps, walking maps, maps for tourist highlights, etc., clearly show how different the results are, depending on the purpose for which they were created. To visually illustrate the transformation of a city like the former Roman colony of Cologne over the past two millennia therefore requires several considerations. The first concerns the uncertainty described above in the historically least secure centuries, which does not increase somewhat in proportion to age due to Roman provenance, but reaches its lowest point after the Roman period in the early Middle Ages. No less important is the consistency of the representation, i.e. finding a method that is capable of combining the different uncertainties of the centuries into an overall representation that makes the development comprehensible. The present work, which is exhibited in the Cologne Cathedral in the access to the Archaeological Zone, shall be presented and discussed here as a best-practice example for the historiography of cities. Keywords: architecture, uncertainty, visualisation, hypothesis

NOTA BIOGRÁFICA

Dominik Lengyel, full university professor and Chairholder for Architecture and Visualisation at BTU Brandenburg. University of Technology in Cottbus since 2006. Studies of mathematics and physics for one year before studying architecture at University of Stuttgart. Graduation in 1997 with distinction and architectural prize after two study years abroad at Ecole d'Architecture Paris-Tolbiac and at ETH Zurich. Work as architect in the architectural office of Prof. O. M. Ungers in Cologne. Office for architectural visualisation with Catherine Toulouse since 1999. Deputy professor, then full professor at University of Applied Sciences in Cologne. Turned down invitation to become full professor in Mainz. Member of the European Academy of Sciences and Arts in Salzburg.

MODERADOR | CHAIR:
NUNO SENOS (IHA – NOVA FCSH)

Research projects funded, among others, by German Research Foundation (DFG), Gerda Henkel Foundation and German Federal Ministries of Education and Research (BMBF), of Economic Affairs and Energy (BMWi) and of the Interior, for Construction and Home Affairs (BMI). **Catherine Toulouse**, assistant professor at the Chair for Architecture and Visualisation at BTU Brandenburg University of Technology Cottbus-Senftenberg from 2006 to 2022. She studied architecture at the University of Stuttgart in Germany where she also graduated in 1997 with distinction and an architectural prize after two years abroad at Ecole d'Architecture Paris-Tolbiac and ETH Zurich in Switzerland. She worked as architect in the planning division in the architectural office of Prof. O. M. Ungers in Cologne, Germany, where she founded an office for architectural visualisation with Dominik Lengyel. Her research projects are funded, among others, by the German Research Foundation (DFG), the Gerda Henkel Foundation and the German Federal Ministries of Education and Research (BMBF) and of Economic Affairs and Energy (BMWi).

HISTÓRIA E MITO NA ORIGEM DAS CIDADES

HISTORY AND MYTH IN THE ORIGIN OF THE CITIES

MODERADOR | CHAIR:

MARGARIDA TAVARES DA CONCEIÇÃO (IHA – NOVA FCSH)

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

NUNO SENOS (IHA – NOVA FCSH)

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

PAULO SIMÕES RODRIGUES (CHAIA - UE)

PENSAR A CIDADE

THINKING THE CITY

MODERADOR | CHAIR:

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA (IHA – NOVA FCSH)

JÚLIO DE CASTILHO, OLISIPÓGRAFO E FLÂNEUR DA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Mário Nascimento (EGEAC/Museu de Lisboa)

Referidos por Joana Trancoso no *In Memoriam* (1920: 2), os passeios solitários de Júlio de Castilho, associados a memórias individuais e à fruição estética, permitem indicar pontos de contacto entre a *flânerie* e a sua obra sobre Lisboa, aproximando-se daquilo que Walter Benjamin definiu no arquétipo do *flâneur*, essa figura ociosa, de pretensões literárias e artísticas, em deambulações solitárias e anónimas na multidão, paradigmática da modernidade oitocentista da grande metrópole europeia.

Se títulos de obras de referência da memória da cidade, como *Lisboa de lés-a-lés* (...), de Pastor de Macedo, *Peregrinações* de Norberto de Araújo ou *Livro de Bordo*, de José Cardoso Pires, apontam diretamente para a caminhada urbana, o texto de *Lisboa Antiga*, de Júlio de Castilho, incorpora formalmente um percurso físico e mental na cidade, através da descrição de itinerários partilhados com o leitor, representando a cidade como espaço heterotópico. Essa deambulação (o equivalente, em português, à *flânerie*) evidencia-se também através da escolha dos vocábulos. Contemporânea do momento de transformação que a modernização de cidades como Paris ou Barcelona (ou, pelo menos, do desejo dessa modernidade) implicou, a obra de Castilho surgiu como a urgência de construir uma memória da cidade que antecipasse a sua alteração, num movimento partilhado com autores dessas outras cidades, sobretudo Paris (por exemplo, *Paris Notre Capitale* de Charles Delon). Esse registo escrito que assume características da crónica de uma *flânerie* quotidiana (a que se juntam os "instantâneos" — desenhos e pinturas da sua autoria, apesar da autorreconhecida lacuna de formação na arte do desenho) revelam-se de extraordinária modernidade, na aproximação da definição baudelairiana do "instantâneo", esse registo visual rápido e quase fotográfico, estudado por Walter Benjamin e que Tinop associara a Castilho, quando compara o estilo da sua escrita à «justeza de um vidro albuminado» (1920:137).

NOTA BIOGRÁFICA

Licenciado em Artes e Humanidades e mestrando em História da Arte e Património (FLUL). Cocomissário das exposições *Júlio de Castilho e o Acaso da Olisipografia*, *Hortas de Lisboa*, (...), *Os Loucos Anos XX em Lisboa* e *Cidade Miniatura, A maquete de Lisboa* (...). Publicou nos catálogos das exposições e na Revista *Scaena* IV. Apresentou as comunicações *Assoalhadas da memória: casos de registo visual de interiores de Lisboa no espólio de Júlio de Castilho e Júlio de Castilho e o Acaso da Olisipografia* no III Colóquio de Olisipografia, *Depatures* (...) na conferência da EAUH 2022. Membro da EAUH e CITYHIST.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN**, Walter — *As passagens de Paris*. Porto: Assírio & Alvim, 2019.
- CASTILHO**, Júlio de — *Lisboa Antiga: bairros orientais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa., 1934/1938,
- CASTILHO**, Júlio de — *Lisboa Antiga: o Bairro Alto*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954.
- FIORI**, Ruth — *L'invention du vieux Paris. Naissance d'une conscience patrimoniale dans la capitale*. Wavre: Mardaga, 2012.
- TRANCOSO**, Miguel — *In Memoriam Júlio de Castilho*. Lisboa: Typ. Empresa Diário de Notícias: 1920

GOMES DE BRITO (1843-1923) – FIGURA MULTIFACETADA NA HISTÓRIA DE LISBOA

Margarida Elias (IHA – NOVA FCSH)

No âmbito do Congresso Internacional Historiografia das Cidades, vimos propor uma apresentação subordinada à figura de José Joaquim Gomes de Brito (1843-1923), que foi uma personalidade multifacetada, em grande medida ligada à olisipografia. Sócio fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa, tomou parte nos trabalhos preparatórios para a fundação da Sociedade dos Jornalistas e Escritores Portugueses, tendo sido diretor-gerente da Sociedade de Artistas, de que faziam parte vários atores, como Eduardo Brazão, João e Augusto Rosa. Foi ainda colaborador do jornal de Rafael Bordalo Pinheiro, *O Binóculo* (1870) – sendo que conheceu o caricaturista justamente através da paixão de ambos pelas artes dramáticas. Funcionário da Câmara Municipal de Lisboa, entre 1886 e 1916, desempenhou importantes comissões de serviço e, em 1911, foi encarregado de dirigir interinamente o Arquivo Municipal. Publicou vários artigos em jornais, muitos deles dedicados à história de Lisboa, sendo esse o caso de um estudo sobre a Rua de São Tomé, na Revolução de Setembro (1880) e «Os Itinerários de Lisboa», na Revista de Educação e Ensino (1900). O livro *Ruas de Lisboa* é uma obra póstuma, publicada em 1935.

A nossa apresentação procurará apresentar as diversas facetas de Gomes de Brito, quer como jornalista, quer na sua ligação ao teatro, aqui abordando a amizade com Rafael Bordalo Pinheiro – que o caricaturou nos seus jornais e sobre o qual escreveu um texto que serve de introdução ao «*Inventário da Obra Artística do Desenhador*» (de Álvaro Neves). Contudo, a ênfase da nossa apresentação irá incidir sobretudo no trabalho de Gomes de Brito na cidade de Lisboa, quer como funcionário da Câmara Municipal e director do Arquivo Municipal, quer na publicação de textos relacionados com a olisipografia, em especial na obra *Lisboa do Passado, Lisboa dos Nossos Dias* (1911), onde reúne artigos que vieram «a lume em vários periódicos da capital», e as *Ruas de Lisboa*, revista e prefaciada por António Baião.

NOTA BIOGRÁFICA

Doutorada em História da Arte Contemporânea (sécs. XIX-XX) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa) (2012), as suas áreas de atuação versam sobre vários temas, desde pintura, tendo estudado a obra de Columbano Bordalo Pinheiro, Alfredo Roque Gameiro e Carlos Reis. Também trabalhou sobre cerâmica, nomeadamente de Rafael Bordalo Pinheiro e das Caldas da Rainha. Outro tema abordado tem sido o do mobiliário. Mais recentemente tem trabalhado sobre questões de arquitetura e da história urbana de Lisboa, estando a realizar um projeto individual sobre *Os Últimos Palácios de Lisboa (1834-1910)*, iniciado em setembro de 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, J. J. Gomes de — *Lisbôa do Passado, Lisbôa de Nossos Dias*. Lisboa, Livraria Ferin, 1911.
- BRITO, J. J. Gomes de; NEVES, Álvaro — *Rafael Bordalo Pinheiro, Inventário da Obra Artística do Desenhador*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1920.
- BRITO, J. J. Gomes de — *Ruas de Lisboa: notas para a história das vias públicas lisboenses*. Lisboa, Sá da Costa, 1935.
- Catálogo da exposição comemorativa do centenário do nascimento de José Joaquim Gomes de Brito*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1943.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada, Vol. XII, p. 533.

NORBERTO DE ARAÚJO E O ESTUDO DOS PAÇOS E PALÁCIOS DE LISBOA

Ana Celeste Glória (IEM – NOVA FCSH)

Norberto de Araújo (1889-1952), jornalista e escritor português, destacou-se especialmente como olisipógrafo. Da sua autoria contabilizam-se cerca de 31 publicações, sendo de evidenciar entre outras, *Inventário de Lisboa* (1939), *Peregrinações de Lisboa* (1939) e *Legendas de Lisboa* (1943) que revelam o seu extenso e aprofundado conhecimento da história e património de Lisboa. Curiosamente, entre estas três obras vamos encontrar um interessante contributo para o estudo da arquitetura civil de Lisboa. Em *Inventário de Lisboa* (1939), obra que veio a ser concluída por Durval Pires de Lima, constituída por 12 fascículos e que versa sobre os diversos monumentos lisboetas, incluem-se 6 fascículos sobre paços e palácios. Ao analisarmos o estado da arte da arquitetura doméstica erudita, verificamos que se tratou do primeiro inventário de paços e palácios de Lisboa. Assim, nesta comunicação propomo-nos a analisar a referida obra de Norberto de Araújo, procurando responder a um conjunto de questões: que paços, palácios e casas nobres foram objeto de análise? Todos os existentes foram contemplados? Que cronologia abrange? Quais os principais aspetos observados? E quais os principais contributos para a historiografia atual? De forma a responder a estas questões procuraremos analisar detalhadamente a obra quanto à sua forma e conteúdo, bem como propomos a fazer um ponto de situação em torno do estado da arte referente ao tema mencionado.

NOTA BIOGRÁFICA

Doutorada em História da Arte (2020) pela NOVA FCSH com o projeto *A Casa Nobre na Região Demarcada do Douro no século XVIII*, apoiado financeiramente pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e acolhido no Instituto de História da Arte – NOVA FCSH. Mestre em Património – esp. Património Artístico (2010) e licenciada em História da Arte (2007) pela mesma Faculdade. Recebeu a Menção Honrosa “Alerta” (Prémios SOS Azulejo 2014) pelos estudos realizados sobre a *Casa dos Condes da Lousã – Damaia* e a Menção Honrosa “Defesa do Património Azulejar” pelo trabalho desenvolvido em torno da *Casa da Pesca: 10 anos de investigação* (Prémios SOS Azulejo 2019-2020), ambos atribuídos pelo SOS Azulejo, Museu da PJ e Museu do Azulejo. As suas áreas de interesse são a arquitetura doméstica erudita, a casa nobre e o património. Atualmente é gestora de conteúdos digitais e investigadora no Instituto de Estudos Medievais NOVA FCSH.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Carlos de — *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1971 (2.ªed 1988).
- ARAÚJO, Norberto de; LIMA, Durval Pires de — *Inventário de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1944-1956.
- CARITA, Hélder; MENDONÇA, Isabel (Coord.) — *Projecto de Investigação A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa, Anatomia dos Interiores*. Lisboa: Instituto de História da Arte, 2010-2014. Disponível em: <https://acasasenhorial.org/>
- PORTELA, Artur — *Norberto de Araújo. O Jornalista e o escritor*. Lisboa: Of. da Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1953.

A IMPORTÂNCIA DA COLEÇÃO CASTILHO PARA A OLISIPOGRAFIA

Eunice Relvas (GEO/CML | HTC – NOVA FCSH | CEF – UC)

O objetivo desta comunicação será analisar a relevância de alguns manuscritos inéditos da Coleção Castilho, depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, para o estudo da cidade de Lisboa.

Júlio de Castilho nasceu em Lisboa a 30 de abril de 1840 e aqui faleceu, a 8 de fevereiro de 1919. Foi escritor e poeta; governador civil da Horta; cônsul-geral de Portugal junto ao Sultão de Zanzibar, conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa e professor de História e Literatura de D. Luís Filipe. Sócio da Academia Real das Ciências, da Real Associação dos Arquitetos e Arqueólogos Portugueses, entre outras instituições. É extensa a lista da sua obra; mas é, especialmente, conhecido como o “pai” da Olisipografia, temática que inaugurou com a publicação *Lisboa Antiga. O Bairro Alto* (1879).

O seu testamento, datado de 7 de outubro de 1913, determinava que a sua Coleção seria doada à Torre do Tombo. Neste vasto acervo documental destacam-se, na perspetiva desta proposta, a Coleção Olisiponiana ou de gravuras da cidade de Lisboa; a Coleção Olisiponense, que inclui monografias, periódicos e manuscritos e documentação diversa relativa a Lisboa; e, por último, as Obras Inéditas, constituídas por numerosos apontamentos e escritos sobre a temática olisiponense. Alguns destes documentos, segundo as disposições testamentárias, só poderiam ser analisados cinquenta anos após o seu falecimento.

Esta comunicação terá como fontes duas das Obras Inéditas, manuscritas, depositadas na Casa Forte da Torre do Tombo, designadamente a *História das minhas relações com o Paço, e das minhas lições de História e Literatura a Sua Alteza O Príncipe Real* (1903) e *Recordações. Memórias íntimas de Júlio de Castilho* (1910) — com destaque para este último manuscrito — examinando a sua importância para o estudo de Lisboa, da segunda metade do século XIX à primeira década do século XX.

A alegria de Castilho era Lisboa, cidade que estudou e calcorreou, venerando-a e amando as suas gentes. Os manuscritos que analisaremos são um tesouro esquecido pelos olisipógrafos? Qual a pertinência do seu estudo e/ou divulgação para a Olisipografia?

NOTA BIOGRÁFICA

Doutorada em História Contemporânea (NOVA-FCSH). Mestre em História Social Contemporânea (ISCTE). Investigadora Integrada do HTC (NOVA-FCSH/CEF-UC). Historiadora do GEO. Na sua área de especialização, a História de Lisboa (séculos XIX-XX), é autora de monografias, catálogos e comunicações em encontros científicos nacionais e internacionais.

No âmbito desta comunicação, destaca-se *Muitas Lisboas de Júlio de Castilho (1840-1919)*. [Folheto]. Lisboa: CML/DMC/DPC/GEO. III Colóquio de Olisipografia. Júlio de Castilho. Centenário. 21-23 novembro 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO (Júlio). In SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo (orgs.) — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994, p. 244.

ESPÍRITO SANTO, Eugénio — *O Perfil do mestre: Pequena biografia*. In *Ameixoeira. Um Núcleo Histórico*. Lisboa: Ed. Autor, 1997, pp. 14-17.

LISBOA. CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. Gabinete de Estudos Olisiponenses (2019) — *Muitas Lisboas de Júlio de Castilho (1840-1919)*. Coord., inv. e textos Eunice Relvas. [Folheto]. Lisboa: CML/DMC/DPC/GEO. III *Colóquio de Olisipografia. Júlio de Castilho. Centenário*. Lisboa: Teatro Aberto, 21-23 novembro 2019.

VERBETES DE A. VIEIRA DA SILVA. UM ARQUIVO SOBRE ICONOGRAFIA DE LISBOA NA COLEÇÃO DO GEO

Elisabete Gama (GEO/CML) e Ana Cristina Leite (GEO/CML)

Augusto Vieira da Silva (1869-1951) foi precursor nos estudos sobre iconografia de Lisboa, tendo publicado artigos dedicados em diversos periódicos, desde 1925 até à primeira síntese na Revista Municipal de 1947.

A pesquisa sistemática sobre o assunto e o entendimento da importância das imagens e da representação da cidade como produção ou narrativa histórica e documento para a historiografia de Lisboa; além da necessidade de obter uma correta e completa identificação das imagens, visando a citação nos seus textos, estiveram na origem de um catálogo/inventário minucioso da iconografia da cidade. Desenvolvido ao longo da vida, sem nunca ter conseguido dar por concluído, apresenta-se em formato de ficheiro que designou de Verbetes: contém mais de 1500 fichas manuscritas, organizadas cronologicamente (do séc. XVI ao XX) e tematicamente, com informação substancial e referências a todos os tipos de suportes usados desde a pintura, o desenho, a gravura, à fotografia etc.

Como outros olisipógrafos, foi colecionador de “coisas de Lisboa”, especialmente de elementos bibliográficos, cartográficos e iconográficos, focado na vertente de um colecionismo, como prática para aquisição de conhecimentos, base para a sua investigação. Também esta “Lisboa coleção”, como era designada e que conservava em sua casa, concorreu, por certo, para a empenhada elaboração dos Verbetes.

Este ficheiro/inventário integra hoje o arquivo pessoal do olisipógrafo preservado no Gabinete de Estudos Olisiponenses (Fundo AVS) e foi adquirido pela CML, juntamente com a coleção de cariz museológico, à sua viúva, em 1953.

Testemunho singular para a olisipografia que permanece inédito, mas que estamos a estudar visando a sua edição e atualização. Não obstante a investigação mais recente, podemos afirmar ser este documento indispensável, para um conhecimento, ainda mais completo e detalhado da iconografia de Lisboa do século XVI ao XX, em todos os suportes e, por consequência, da historiografia da cidade.

NOTAS CURRICULARES

Ana Cristina Leite é investigadora do Gabinete de Estudos Olisiponenses (CML) desde 2013. Integra o Projeto *Olisipógrafos. Os Cronistas de Lisboa* (CML/ UNL/FCSH/IHA) desde 2021. Doutoranda em Museologia (Universidade Lusófona); Mestrado em História de Arte (Universidade Nova de Lisboa); Pós-Graduação em Conservador de Museus (IEFP/APOM – Escola de Belas Artes de Lisboa); Licenciatura em História (Universidade de Lisboa). Diretora do Museu da Cidade (1996/2013); Chefe de Divisão de Museus e Palácios da CML (1996/2011). Conservadora dos Museus Municipais (1982/2013). Autora de diversos projetos de Museologia, publicações e palestras no domínio da Museologia, História de Lisboa, Arte, Arqueologia e Património. **Elisabete Gama**, licenciada em História – Variante em História da Arte (FLUL, 1992); Pós-graduação em História Regional e Local (FLUL); Pós-graduação em Ciências Documentais, Arquivos (FLUL). Funcionária autárquica e investigadora no Gabinete de Estudos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA –

Exposição das principais peças da Coleção Vieira da Silva. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954.

DIAS, Jaime Lopes — Engenheiro Augusto Vieira da Silva. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº 48 (1951), pp. 5-10.

GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES

— *Nos 60 anos dos Amigos de Lisboa. Recordar Vieira da Silva*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/GEO, 1996.

GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES

— *Augusto Vieira da Silva. Percurso académico*. Lisboa: CML/GEO, 2019.

SILVA, Augusto Vieira da — Iconografia de Lisboa. *Notícia Histórica. Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Nº32 (1947), pp. 5-18.

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:
PAULO SIMÕES RODRIGUES (CHAIA - UE)

Olisiponenses desde 1993 (CML). Membro do Grupo de Investigação: *Lx Conventos: "Da cidade sacra à cidade laica"* (2012/2016); *Testemunhos da Escravatura* (2017). Investigação, produção de conteúdos e textos: Exposição 9 Ideias Parque Praça de Espanha (2017); Duarte Pacheco. 1938 2018 (2018); Júlio de Castilho (2019). Conferências, exposições. Monografias: *Augusto Vieira da Silva. Percurso académico* (GEO, 2019). Membro do Projeto de Investigação Olisipógrafos. Os Cronistas de Lisboa, 2021/23 (CML/DPC/GEO; FCSH/IHA).

MODERADOR | CHAIR:
PAULO SIMÕES RODRIGUES (CHAIA - UE)

A CIDADE POR TEMA: CRONISTAS E HISTORIADORES, PINTORES E ARQUITETOS. AINDA A VISTA DE LISBOA DA ANBA

Laura Martins Guia e Maria Helena Barreiros (CML)

A notabilíssima vista de Lisboa do 3.º quartel do séc. XVIII da Academia Nacional de Belas Artes, foi revelada ao público em 1929 pelo olisipógrafo Augusto Vieira da Silva num dos seus primeiros textos sobre a iconografia da cidade. A maioria das referências e estudos posteriores a propósito desta representação da frente ocidental de Lisboa voltada ao Tejo, tem confirmado a datação então sugerida por Vieira da Silva, e adiantado muito pouco sobre a sua autoria. Prudentemente, Vieira da Silva refere apenas a formação provável do executante: arquiteto. Todos concordam, no entanto, em que se trata de uma peça incompleta, a que falta toda a parte correspondente a Lisboa central e oriental. A presente proposta de comunicação tem por objetivos i) a divulgação de novos dados sobre a obra em referência, ii) acentuar as especificidades metodológicas do estudo de uma peça de iconografia urbana do *Ancien Régime* sob a perspetiva do historiador de arte e, iii) *last but not the least*, propor uma hipótese de reconstituição da totalidade da vista da ANBA. Este exercício de reconstituição prossegue ainda as pistas abertas por Vieira da Silva há quase um século, recorrendo às ferramentas contemporâneas do desenho arquitetónico e ao diálogo com outros estudos desenvolvidos sobre representações urbanas da mesma natureza da Vista de Lisboa, da Academia Nacional de Belas Artes.

Palavras-chave: iconografia urbana, Augusto Vieira da Silva, Lisboa c.1770, reconstituição, técnicas de representação

NOTAS BIOGRÁFICAS

Laura Martins Guia, é mestre em Arquitetura (IST, 2022), arquiteta no atelier Appleton e Domingos — Arquitetos e investigadora. A sua dissertação de Mestrado, intitulada *A Vista de Lisboa da Academia Nacional de Belas Artes e o seu seguimento*, orientada pelos professores João Guilherme Appleton e Alexandra Alegre (IST) e arguida pelo professor Paulo Pereira (FAUL). Este seu trabalho foi apresentado na última edição do Encontro *UniverCidades: Ideias para Lisboa* (Centro de Informação Urbana de Lisboa, 13-14 março 2023) e proposto ao Archiprix Portugal e ao Prémio do Colégio do Património da Ordem dos Arquitetos de 2023.

Maria Helena Barreiros, historiadora de arte (UNL), mestre em Conservação do Património (K.U.Leuven) e pós-graduada em Arquitetura, Território e Memória (UC). Técnica superior do Pelouro do Urbanismo da CML, transitou recentemente para a área do Ambiente e Alterações Climáticas. Exerceu funções de coordenação na extinta DGEMN e ensinou história da arquitetura na Universidade Autónoma de Lisboa. Publicou vários estudos sobre os temas do património cultural e da historiografia da arquitetura e do urbanismo, particularmente focados no caso de Lisboa. Fez parte da direção da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte, é membro da *EAHN — European Architectural History Network* e da organização ambiental *Zero — Sistema Terrestre Sustentável*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARREIROS**, M. Helena — Retratos de Cidades: A vista de Lisboa da Academia de Belas Artes. Em H. Carita, & J. M. Garcia (ed.), *A Imagem de Lisboa: O Tejo e as Leis Zenonianas da Vista do Mar*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / IHA-FCSH, Universidade Nova Lisboa, 2019, pp. 187-201.
- GUIA**, Laura M. — *A Vista de Lisboa da Academia Nacional de Belas Artes e o seu seguimento*. Lisboa: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, 2022.
- NUTI**, Lucia — *Ritratti di città. Visione e memoria tra Medioevo e Settecento*. Veneza: Marsilio Editori, 1996.
- SILVA**, A. Vieira da — Uma Vista Panorâmica de Lisboa dos Fins do Século XVIII. (A. d. Dornellas, Ed.) *Elucidário Nobiliárquico*, II(X), 1929, pp. 324-331.
- WESTBROOK**, Nigel; **MEEUWEN**, René Van — Reconstructing Sixteenth-Century Istanbul: The Use of Digital Modelling as an Heuristic Tool. In *Architectural Research. Architectural Theory Review*, 18:1 (2013), pp. 62-82. doi: 10.1080/13264826.2013.79285

HISTÓRIA E MITO NA ORIGEM DAS CIDADES

HISTORY AND MYTH IN THE ORIGIN OF THE CITIES

MODERADOR | CHAIR:

MARGARIDA TAVARES DA CONCEIÇÃO (IHA – NOVA FCSH)

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

NUNO SENOS (IHA – NOVA FCSH)

CRONISTAS E HISTORIADORES DAS CIDADES

CITY CHRONICLERS AND HISTORIANS

MODERADOR | CHAIR:

PAULO SIMÕES RODRIGUES (CHAIA - UE)

PENSAR A CIDADE

THINKING THE CITY

MODERADOR | CHAIR:

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA (IHA – NOVA FCSH)

A OLISIPOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA: SILÊNCIOS E NARRATIVAS DE UMA CIDADE IMAGINADA

Frederic Vidal (CIDEHUS.UAL) e Graça Índias Cordeiro (CIES, ISCTE-IUL)

O valor científico e epistemológico do corpus de textos designado genericamente como olisipografia tem alimentado um certo debate no âmbito dos estudos urbanos portugueses. Constituído-se como uma vasta coleção de textos de valor desigual, que aborda a história de Lisboa, tanto através de uma abordagem descritiva da evolução física e moral da cidade (França, 2008) como de perspectivas de microescala (o bairro, a rua, o prédio, a associação, a figura típica, performances teatrais e festivas), ela é uma fonte histórica e etnográfica incontornável. Sob a forma de ensaios ou crónicas, mais ou menos literárias, tais narrativas testemunham, antes de mais, o esforço de uma elite nacional e municipal em contruir uma narrativa hegemónica ao serviço de uma política memorial ou patrimonial que deve ser analisada no seu contexto de produção e difusão próprios.

A partir de duas experiências de investigação, histórica e antropológica, sobre bairros de Lisboa (Alcântara e Bica), esta comunicação pretende analisar e questionar diferentes leituras possíveis da olisipografia, tanto do ponto de vista da história social da cidade como sob uma perspectiva etnográfica. Trata-se de uma proposta de análise reflexiva e crítica que nasce do cruzamento de dois percursos de investigação autónomos, com suas referências teóricas e metodologias próprias, sobre o uso dos textos olisipográficos e qual o seu papel na construção ideológica e política de uma certa ideia da cidade de Lisboa.

Neste sentido, os dois casos aqui discutidos ilustram, de forma paradigmática, as potencialidades, limites e tensões que estas fontes revelam. Apenas a título de exemplo, no caso de Alcântara, o modo como alguns destes textos contribuem para a transformação da imagem do subúrbio operário em uma Alcântara popular, nas décadas de 1920 e 1930 (Freire, 1929; Araújo, 1939), ou, no caso da Bica, bairro vizinho do Bairro Alto, o modo como os silêncios de olisipógrafos clássicos (Castilho, 1879) vão ser colmatados por reportagens jornalísticas, crónicas e narrativas de divulgação (Araújo, 1939, entre outros), resgatando a invisibilidade de um pequeno enclave esquecido no centro urbano.

NOTA BIOGRÁFICA

Frédéric Vidal é professor do Departamento em História, Artes e Humanidades da Universidade Autónoma de Lisboa. Doutorado em História pela Université Lumière Lyon 2 (França), tem desenvolvido investigações na área da história social e urbana, e da história do turismo (séculos XIX e XX). Lecionou em diversas instituições universitárias, ao nível do primeiro, segundo e terceiro ciclos, principalmente na área da história social e cultural da época moderna e contemporânea. Foi investigador visitante no Center for Portuguese Studies and Culture da University of Massachusetts Dartmouth (2015) e professor visitante do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (2013). É membro da redação da revista *Ler História*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO**, Norberto — *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Parceria AMP, 1939.
- FRANÇA**, José-Augusto — *Lisboa, História Física e Moral*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- CASTILHO**, Júlio — *Lisboa Antiga. O Bairro Alto*. Lisboa: Parceria AMP, 1879.
- CORDEIRO**, Graça Índias — *Um lugar na cidade. Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- FREIRE** João Paulo — *Alcântara, apontamentos para uma monografia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929.
- VIDAL**, Frédéric — *Les habitants d'Alcântara: Histoire sociale d'un quartier de Lisbonne au début du 20e siècle*. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2006.

Graça Índias Cordeiro é professora associada no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Com experiência de ensino em ciências sociais e estudos urbanos, tem aprofundado abordagens etnográficas e históricas sobre as cidades e a vida urbana contemporânea. É autora, coautora e organizadora de livros, capítulos e artigos científicos. Lisboa tem sido um dos seus principais terrenos de pesquisa, em torno da relação entre práticas de sociabilidade e identidades de lugar. Foi Gulbenkian/Saab Visiting Professor in Portuguese Studies na Universidade do Massachusetts (UMass Lowell), nos EUA, entre janeiro e junho 2019, e professora visitante no Brasil e Espanha.

A OLISIPOGRAFIA E O ESTEREÓTIPO DE PALÁCIO URBANO “SEISCENTISTA”

Ana Rita Gonçalves (CiTUA, IST-UL)
João Vieira Caldas (CiTUA, IST-UL)

De Belém ao Beato, de Alfama a S. Sebastião da Pedreira, Lisboa está repleta de palácios urbanos (ou periurbanos) tradicionalmente chamados “seiscentistas” que constituem um património de notável uniformidade, em termos da imagem arquitetónica, mas que a olisipografia começou por estigmatizar, levando a que, ainda hoje, exista um desconhecimento generalizado sobre esta “rede” de edifícios, com consequências negativas para a sua preservação e valorização. Júlio de Castilho afirmou, na primeira edição da *Lisboa Antiga* (1879), referindo-se aos palácios de qualquer época ou estilo arquitetónico, que «Os nossos palacios não teem, por via de regra, o porte garboso de muitos lá de fóra» (p. 158), opinião que reiterou na segunda edição da mesma obra (1902-1904) ao dizer que «os palacios das classes altas em Lisboa nunca brilharam pelos primores architectonicos» (vol. II, p. 109). Para caracterizar alguns palácios de aparência dita “seiscentista”, utilizou especificamente a expressão “casarão enorme”, que Fernando Castelo-Branco vai reproduzir na *Lisboa Seiscentista* (1ª ed., 1956) para concluir que «os palácios dessa época eram apenas «grandes casarões contendo um recheio reduzidíssimo» (p. 95). A utilização repetida da designação “casarão”, reforçada pelos adjetivos “enorme” ou “grande”, determinou um estereótipo de palácio urbano “seiscentista” plasmado num edifício sem particular valor arquitetónico e que só se destaca pelas suas dimensões. Essa visão terá influenciado outros olisipógrafos e até historiadores de arte da craveira de José-Augusto França que, na introdução à *Lisboa Pombalina e o Iluminismo* (1ª ed., 1965), declara que «O século XVII, sob o domínio dos Espanhóis ou depois de a independência nacional ter sido readquirida em 1640, viu erguerem-se numerosos palácios em Lisboa, de arquitetura medíocre, pertencendo todos a famílias nobres bem colocadas na corte» (2ª ed., p. 31). A presente comunicação pretende não só aprofundar o conhecimento da perspetiva dos olisipógrafos sobre estes palácios, nomeadamente de outros ainda não referidos como Gustavo de Matos Sequeira, Norberto de Araújo, Augusto Vieira da Silva, Luís Pastor de Macedo ou José Sarmento de Matos, mas também analisar o modo como olisipógrafos e historiadores de arte ficaram mais ou menos presos a esta visão, da qual se foram gradual, mas insuficientemente libertando.

NOTA BIOGRÁFICA

Ana Rita Gonçalves é doutoranda em Arquitetura no Instituto Superior Técnico — UL, com uma Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref. SFRH/BD/06346/2020). A sua investigação incide sobre os palácios urbanos de Lisboa que foram construídos, ou tiveram grandes obras de remodelação, na transição do século XVII para o século XVIII. Em 2011, concluiu o Mestrado Integrado em Arquitetura (IST-UTL) com uma dissertação sobre a habitação corrente em Lisboa entre os séculos XVII e XIX. Entre 2012 e 2019, trabalhou em ateliers de arquitetura em Portugal e estagiou em Milão ao abrigo do programa de estágios internacionais INOV Contacto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELO-BRANCO**, Fernando — *Lisboa Seiscentista*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1956.
- CASTILHO**, Júlio de — *Lisboa Antiga*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1879.
- CASTILHO**, Júlio de — *Lisboa Antiga: O Bairro Alto de Lisboa*, 2ª edição. Lisboa: Antiga Casa Bertrand – José Bastos, 1902-1904, 5 vols..
- CASTILHO**, Júlio de — *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*, 2ª edição, 12 vols. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1934-1938, 12 vols.
- FRANÇA**, José-Augusto — *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, 2ª edição. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

João Vieira Caldas é licenciado em Arquitetura (ESBAL, 1977), Mestre em História da Arte (FCSH-UNL, 1988) e Doutorado em Arquitetura (IST-UTL, 2007). A sua atividade profissional dividiu-se entre a prática da arquitetura, o ensino, a investigação e a crítica, tendo trabalhado em projetos de intervenção no património construído e participado em inventários e estudos sobre o Património Arquitetónico e Urbano. É Professor Associado Aposentado do Instituto Superior Técnico - UL, onde lecionou disciplinas da área da Teoria e da História da Arquitetura e onde continua a dedicar-se à investigação no quadro do CiTUA (Centre for Innovation in Territory, Urbanism and Architecture).

ACERCA DE UM PROGRAMA DE ESTUDOS DA PRÉ-HISTÓRIA DE LISBOA

Carlos Didelet (CAL_CML | IAP - NOVA FCSH)

Nuno Pires (CAL_CML)

Decorria o ano de 1968 quando, Augusto Vieira da Silva publica no seu *Dispersos*, vol. III, um esquema de proposta de curso de estudos Olisiponenses. Na época seria um curso bastante completo, ou como se designa atualmente, interdisciplinar, integrando arqueologia, topografia e geologia, consagrado ao estudo da Pré-História de Lisboa. Tal proposta continua atual e é base de trabalho credível para se constituir estudo acerca da Pré-História Recente do território de Lisboa. (Jorge, 2003: 27). Um dos conceitos a aplicar do que foi enunciado por Vieira da Silva é o de “Arqueologia da Paisagem” (Jorge, 2003; Thomas e David, 2012), como perspetiva de compreensão de como se construiu o território (Jorge, 2003, p.35). A quantidade de novos dados adquiridos na última década, assim como o revisitar do diverso espólio arqueológico guardado nos museus, têm providenciado um novo quadro, que permite o prosseguimento das investigações arqueológicas acerca desse período da ocupação humana do território hoje lisboeta. Propomos revisão da proposta apresentada por Vieira da Silva e como é poderia ser aplicada em conjunto com novos métodos e conhecimentos. Sublinhe-se que as recentes intervenções arqueológicas, que têm permitido uma visão objetiva e concreta acerca desse passado distante da cidade. A Pré-História de Lisboa é diversa no seu todo e muito mais complexa do se pensava há poucos anos. Esperamos contribuir para um aprofundar dos conhecimentos dando uma abordagem contemporânea tendo como objetivo final a divulgação perante o público de um passado distante, mas “presente” no subsolo da cidade.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Carlos Didelet, Arqueólogo. Licenciatura em Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a tese em Arqueologia e Antropologia, *A Trepanação e outras manipulações em crânios humanos pré-históricos do território hoje português*. Doutorando em Arqueologia na Universidade de Évora. Arqueólogo do Centro de Arqueologia de Lisboa/ CML; Investigador do Instituto de Investigação e Formação Avançada da Universidade de Évora; Investigador do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.

Nuno Pires, Arqueólogo. Licenciatura em Arqueologia no Instituto Politécnico de Tomar. Mestrado em Arqueologia na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), com a tese *Inventário e Estudo Preliminar dos Líticos recuperados nas campanhas de intervenção de 2011 e 2012, do Castelo da Loureira*. Arqueólogo do Centro de Arqueologia de Lisboa/ CML.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, G.; LEITÃO, E. e DIDELET, C. — Análise espacial da área do município de Lisboa durante a Pré-história Recente. In *SCIENTIA ANTIQUITATIS*, Nº 1. Universidade de Évora (2016), pp.155-176.
- JORGE, V.O. — *Olhar o mundo como Arqueólogo*. Coimbra: Quarteto Editora, 2003
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H. e DAVEAU, S. — *Geografia de Portugal III - A posição geográfica e o território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1998.
- SILVA, A. V. — O Termo de Lisboa. *Dispersos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1968, vol. III, pp.195-206.
- TILLEY, C. — *A Phenomenology of Landscape: Places, Paths, and Monuments (Explorations in Anthropology)*. London: Berg Publishers, 1997.

TRATANDO DE ARQUITETURA: FORTALEZA DE JOSÉ

Maximino Barneto Frota Júnior (CEAU – FAUP)

A cidade é Fortaleza. O arquiteto José Liberal de Castro é o “cronista”. Além de arquiteto, Liberal de Castro foi professor emérito e investigador. Formado no Rio de Janeiro em 1955, volta à sua terra alencarina em 1957. Trabalhou voluntariamente como representante honorário do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) por 25 anos, época em que elaborou vários pareceres para classificação do Patrimônio edificado cearense, em interlocução constante com pares como Lúcio Costa. Foi membro do conselho consultivo desta mesma instituição no início dos anos 2000. É membro honorário do CBHA (Comitê Brasileiro de História da Arte). Bolseiro da Gulbenkian em 1976, veio a Portugal à procura de raízes lusitanas da arquitetura cearense. Fê-lo com visitas a arquivos e obras. Criou forte vínculo com arquitetos portugueses, nomeadamente participantes do Inquérito da Arquitectura Popular de Portugal realizado no final da década de 50. Seus estudos culminam em tese de Livre Docência defendida em 1981 na Universidade Federal do Ceará, onde é um dos fundadores da escola de arquitetura em 1965. Ativo intelectualmente até sua morte em 2022, aos 96 anos, registou suas investigações e suas vivências ininterruptamente na revista anual do Instituto do Ceará desde que se tornou membro efetivo em 1991. É um pioneiro da modernidade no Ceará. Liberal de Castro é documentação necessária e autor incontornável para compreensão de um outro Brasil que é sua terra. O presente artigo apresenta breve trajetória biográfica do arquiteto com sua obra arquitetónica e textual. Concentra-se na análise de dois de seus textos que têm Fortaleza e seu território como objeto de destaque. Referida análise é parte de tese de doutoramento em desenvolvimento na FAUP Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto que investiga a ideia de Brasil a partir do Ceará, através da obra do arquiteto. O gerúndio do título é um recurso inspirado em Eça de Queiroz, escritor favorito de Liberal de Castro.

NOTA BIOGRÁFICA

Arquiteto, licenciado pela UFC-Universidade Federal do Ceará (1994). Doutorando em Arquitetura na FAUP. Investigador integrado do CEAU (Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo) da FAUP. Vínculo ao APC (Atelier de Patrimônio Cultural) do DAUUC (Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC). Bolseiro da FCT. Mestrado no PPGAU+D da UFC (2017). MBA em Construção Sustentável pela UNIP (2011). Foi professor substituto na Universidade de Fortaleza, e professor adjunto 1 no curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário 7 de Setembro. Atua também como profissional liberal desde 1994. É registado no CAU (Brasil) e na Ordem dos Arquitetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Margarida J.S.; JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro — Construção, tradição e modernismo: notas sobre a atividade profissional do arquiteto José Liberal de Castro. In: TEIXEIRA, Rubenilson Brazão; DANTAS, George Alexandre Ferreira. (org.) *Arquitetura em cidades “sempre novas”: modernismo, projeto e patrimônio*. Natal: EDUFRN, 2016. <https://repositorio.ufrn.br> ISBN 978-85-425-0625-9
- CASTRO, José Liberal de — *Fatores de localização e de expansão da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1977.
- CASTRO, José Liberal de — Bicentenário da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção: o caso singular de uma obra de arquitetura militar com função simbólica. In: *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, tomo 126 (2012), pp. 9-72.
- DUARTE JR., Romeu — *Breve História da Arquitetura Cearense*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2018.
- PAIVA, Ricardo Alexandre; DIÓGENES, Beatriz H. B. Nogueira — A contribuição do arquiteto José Liberal de Castro à escrita da história da arquitetura e do urbanismo no Ceará. *2º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DESENHAR A TRANSFORMAÇÃO URBANA: PORTALEGRE

João Luís Marques (CEAU - FAUP)
e Sílvia Ramos (CEAU - FAUP)

Diálogos, de Dom Frei Amador de Arrais (1604) e *Tratado da Cidade de Portalegre* (1619), de Diogo Pereira de Sotto Maior, são obras incontornáveis da historiografia da urbe e sede de bispado do Alto Alentejo. A elas somam-se um conjunto significativo de fontes primárias, de diferentes idades, natureza e tipologias, que vêm sendo pontualmente investigadas, e, em alguns casos, publicadas desde o final do século passado. Encontram-se distribuídas por espólios/coleções particulares e por múltiplos arquivos nacionais — importando manifestar a urgência da salvaguarda da documentação municipal — e internacionais, nomeadamente espanhóis e alemães. A documentação particularmente rica a partir do século XVII, permite recuos pontuais ao século XIV. São documentos de natureza militar, administrativa, relativa a obras e projetos, de natureza escrita e iconográfica, em que se incluem gravuras, mapas/plantas e fotografias, desde o início e final do século XIX, respetivamente, que permitem enriquecer e problematizar a história desta cidade. Propõe-se demonstrar o potencial específico da disciplina da Arquitetura para, a partir destes documentos, trazer luz ao conhecimento contemporâneo da cidade e contribuir para esclarecer o lugar conquistado por Portalegre no tempo longo, do castelo, à fortificação moderna e cidade industrial, cujos testemunhos patrimoniais são hoje essenciais para equacionar o seu potencial futuro. Neste processo, assume-se o desenho como instrumento privilegiado para intersetar os dados múltiplos e complexos e condensar, numa imagem nova, autónoma, uma hipótese de decifração, identificando elementos persistentes que geram a estrutura formal de Portalegre e determinam a sua identidade. Instrui este desenho a experiência de uma dinâmica de pesquisa dilatada, a consciência de observar *in loco*, o sentido ordenador e a sensibilidade próprios do arquiteto, que o tornam um dos mais aptos para detetar os sinais arquitetónicos, os sinais do desenho, que os construtores/arquitetos foram deixando ao longo da sua existência.

NOTA BIOGRÁFICA

João Luís Marques, Centro de Estudos em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto jlmarques@arq.up.pt Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e doutorado pela mesma instituição. Docente de História da Arquitetura Portuguesa na FAUP, no curso de Mestrado Integrado em Arquitetura: entre 2013 e 2015, Assistente Convidado e, desde 2018, Professor Auxiliar Convidado. Investigador integrado do Centro de Estudos em Arquitetura e Urbanismo, no grupo “Arquitetura: Teoria Projeto História”, desde 2013, e colaborador do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, desde 2015. É investigador do projeto *PORTofCALL 'African-Asian-European Encounters: Cultural Heritage and Ports of Call in the Indian Ocean during the early Modern Period* e investigador associado da *Casa Senhorial, Portugal, Brasil e Goa – Anatomia dos Interiores*. Enquanto profissional liberal desenvolve projetos de arquitetura, curadoria, e trabalhos de investigação/consultadoria na área do património cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Monumentos, património arquitetónico*. n.º 39 (Portalegre). Lisboa: Direção Geral do Património Cultural, 2023.
- Plano de Pormenor de Salvaguarda e Valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente.** *Cidade Utópica – Desenho Urbano e Arquitetura*, 1999.
- A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, 1981-1984.
- RODRIGUES, Jorge; PEREIRA, Paulo** — *Portalegre*. Lisboa: Editorial Presença, 1988 (Cidades e Vilas de Portugal).
- JONG, T. M. de; VOORDT, D. J. M. van der** (ed.) — *Ways to study and research. Urban, Architectural and Technical Design*. Delft: DUP Sience, 2002.
- André CORBOZ** — *La recherche: trois apologues*. In *Le Territoire comme palimpsest et autres essais*. Paris: Les éditions de l'imprimeur, 2001, pp. 21-30).

Sílvia Ramos, Centro de Estudos em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto sramos@arq.up.pt Arquiteta, licenciada pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e doutorada pela mesma instituição, com bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Docente na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, no curso de Mestrado Integrado em Arquitetura, entre 2013 e 2015, Assistente Convidada em História da Arquitetura Portuguesa e, desde 2019, Professora Auxiliar Convidada em História da Arquitetura Moderna. Investigadora do Centro de Estudos em Arquitetura e Urbanismo, no grupo “Arquitetura: Teoria Projeto História”, desde 2013, e “Teoria e Práticas de Projeto”, desde 2021. Integra a equipa de investigação do projeto Siza Barroco, financiado.

CIDADE CRÍTICA: A TRANSFORMAÇÃO URBANA DA ZONA RIBEIRINHA ORIENTAL DE LISBOA ENQUANTO DOCUMENTO HISTÓRICO FUTURO.

Ana Nevado (DINÂMIA' CET - IUL ISCTE)

Pensar a cidade contemporânea implica reconhecer, considerar e preservar a sua diversidade (cultural, patrimonial, social e urbana). Mas a conservação e o restauro urbanos deverão ser considerados através de olhares e de aceções críticas, sob a perspetiva da mudança, da reutilização, da refuncionalização e da reinterpretção histórica, pese embora não *historicista* (Rufinoni, 2009; Colavitti, 2018; Nevado, 2018). A cidade de Lisboa destaca-se, no panorama mundial, pela sua diversidade e autenticidade que lhe são conferidas por características intrínsecas (tais como a orografia e a topografia), através de séculos de história sedimentada — que geraram património(s) ímpar(es) mas influenciadas por correntes europeias). Consequentemente, intervir na cidade na atualidade, bem como historiografá-la, consiste num desafio, quer atual, quer futuro, que exige uma participação crítica e cívica das comunidades.

Perante a transformação global da cidade e dos efeitos (nocivos) da turistificação, urge repensar e investigar criticamente modos de intervir na cidade enquanto testemunhos (des)construídos como forma de documentar, incorporar memórias e de historiografar a cidade em simultâneo. Para o efeito, considera-se a zona ribeirinha oriental de Lisboa (ZROL) como laboratório experimental conceptual e de estudo, em virtude das céleres transformações em contraponto com a resiliência dos núcleos antigos informais que ainda mantêm características de génese (Nevado, 2018). Assim, o conhecimento da evolução de uma área urbana semiperiférica e pós-industrial como a ZROL, e do seu potencial de reutilização na contemporaneidade, resultará num contributo inequívoco para a articulação de escalas e de resolução de impasses urbanos.

Conclui-se que as memórias urbanas não se *crystalizam*, antes se transformam em contínuo, pelo que o conhecimento histórico, arquitetónico e urbano nas cidades é crucial no âmbito da historiografia urbana (Marot, 2006; Terán, 2009). A cidade atual é, *per se*, um documento histórico vivo e diversificado, sendo que, no caso de Lisboa, é também "auto-olisipógrafa". Todavia, o processo historiográfico — e de documentação — não se encerra em documentos físicos/impressos, já que o avanço tecnológico digital representa um aliado e confere vantagens à perceção da cidade contemporânea, inclusivamente em tempo real.

NOTA BIOGRÁFICA

Arquiteta, Técnica Superior na Administração Pública (Câmara Municipal de Lisboa) e Investigadora Integrada no DINÂMIA' CET — Iscte — Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território. É doutorada em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (2018) e tem participado em diversos encontros científicos (nacionais e internacionais), incidindo sobre as áreas da regeneração e da reabilitação urbana, das frentes ribeirinhas e do património.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLAVITTI, A. M. — *Urban Heritage Management: Planning with History*. Cham: Springer, 2018.
- MAROT, S. — El suburbanism y el arte de la memoria. In *Land&ScapeSeries*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.
- NEVADO, A. — *Da expansão à recentralização - do território ao património. A regeneração urbana da zona ribeirinha oriental de Lisboa (1964-1994)*. Tese de Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos. Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2018.
- RUFINONI, M. — *Preservação e restauro urbano: teoria e prática de intervenção em sítios industriais de interesse cultural*. Tese de Doutoramento em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2009.
- TERÁN, F. — *El pasado activo: Del uso interesado de la historia para el entendimiento y la construcción de la ciudad*. Madrid: Akal, 2009.